

Boletim Informativo

Nº2 Junho - 2020



- Uma imagem vale mais que mil palavras..
- Editorial
- Pela Memória..
- Testemunhos
- Mais um dia B..
- Um campo de Futebol..

### UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS (COMO OS PATOS-BRAVOS SE COMPORTAM)



#### O ESSENCIAL É A DESTRUIÇÃO DE UM ECOSISTEMA

O essencial é a destruição de um ecossistema, prática que os patos-bravos estão a fazer por todo o lado, para ganhar uns trocos.

Poderão insistir que a Plataforma Cidadã Braamcamp é de Todos não quer o desenvolvimento.

Lembramos que o que queremos é uma Quinta Braamcamp com os edifícios e moinho reabilitados, renaturalizada e com um grande projecto aí instalado de investigação em torno das implicações das alterações climáticas e energias alternativas, de sustentabilidade ambiental, juntando universidades portuguesas e estrangeiras. Que não destrua, mas recupere, o património histórico, moageiro, ambiental, corticeiro. Com espaços de recreação, lazer, cultura, restauração.

Um projecto que tenha uma ampla discussão e participação dos barreirenses.

Esta perspectiva tem a possibilidade de aceder a fundos comunitários significativos, como o Urban Innovative Actions.

Como dizíamos no primeiro documento que emitimos:

“A Quinta do Braamcamp, sendo um “sítio” de interesse municipal, devidamente classificado, é parte de um rico e vasto património ambiental, paisagístico e moageiro. Representa uma parcela da história do Barreiro e que se articula com muitas outras zonas e quintas estuarinas do Tejo.”

Não aceitamos que a política dos interesses se aproveite de uma forma oportunista dos bens do Barreiro, que devem ser a chave de uma cidade equilibrada.

Há pessoas que pensam que podem construir uma cidade sem qualidade, não respeitando valores da inclusão, participação, sustentabilidade ambiental, social, económica e cultural.

**Nós não aceitamos, porque mata o futuro.**

Nas imagens que foram publicadas no site da CMB, relativas ao concurso de venda da Braamcamp, procuram impingir aos barreirenses uma ilusão, que mostra a verdadeira natureza desta ideia de venda e construção de prédios na Braamcamp. Como se pode ver pela imagem, a área de construção e reabilitação de edifícios que não ficam de usufruto público é enorme. Os prédios de habitação, o aparthotel, o estádio de futebol estão nesse âmbito (e não só os prédios de habitação).

Ora, dizer que tudo o que não são prédios de habitação, é de usufruto público, é o mesmo que dizer que o empreendimento de Tróia é de usufruto e acesso público. Todas as construções da Braamcamp ficarão sob domínio privado e os custos de acesso serão elevados, o que dificulta que a maioria dos barreirenses o frequente.

Pelas imagens produzidas pelo concorrente fica a perspectiva dum condomínio privado, limitando o acesso a uma minoria de barreirenses, inclusive à zona da praia. Tal como também acontece em Tróia.

## Editorial

Depois de algumas semanas mais recatados, por causa do COVID 19, estamos de volta.

Entretanto promovemos o DIA B na BRAAMCAMP, no dia 31 de Maio, uma jornada em que a limpeza foi o objetivo central.

Promovemos ainda outras iniciativas, em que se destacam as acções junto do Tribunal Administrativo de Almada - UMA PROVIDÊNCIA CAUTELAR E UMA ACÇÃO PRINCIPAL – com vista a travar o processo de venda da Braamcamp que tem sido pouco transparente, com inúmeros atropelos à legislação vigente.

Revisitamos a história e publicamos dois testemunhos.

A próxima iniciativa é a celebração do DIA DA CIDADE NA BRAAMCAMP – A CIDADE E O FUTURO, cujo programa será divulgado em breve.

Contacte connosco e entretanto faça o favor de ser feliz (como dizia o Solnado).

## Pela Memória. Nota histórica sobre a Quinta Braamcamp

O sítio hoje conhecido como Quinta Braamcamp era um baldio na Ponta do Mexilhoeiro a noroeste da orla marítima do Barreiro onde, em época indeterminada, foi construído um moinho de maré de sete pedras. Dois anos após o grande terramoto do século XVIII sofreu grande dano, começando a sua reedificação em 1757. Sabe-se que, mais para Sul, no então Cabo de Pero Moço (Alburrica), existiam engenhos moageiros desde o século XV, não sendo de excluir que o moinho existente em 1757 já ali pudesse estar levantado antes desta data. Só uma investigação arqueológica na zona envolvente, ou mesmo na caldeira do moinho, poderá carrear novos elementos que permitam datar com mais precisão a sua edificação. O moinho foi reedificado pelo seu proprietário, Vasco Lourenço Veloso, não com as sete mós originais, mas aumentando-lhe a capacidade produtiva para dez (10) pares de mós, tornando-se um dos maiores na foz do Coia e no estuário do Tejo. Em 1804 o moinho

é comprado pelo Barão do Sobral, Geraldo Venceslau Braamcamp e é então que ganha a denominação de moinho do Braamcamp.

Quando veio para o Barreiro, Braamcamp trazia o legado das manufacturas têxteis pombalinas e, tirando proveito dos terrenos aráveis da Quinta, procedeu à plantação de um pomar de amoreiras com que havia de alimentar a criação de bichos-da-seda, destinada à produção de fio para as fábricas de Portalegre. Talvez daqui tenha nascido um dos primeiros impulsos protoindustriais do Barreiro. Terá sido a sua visão industrial que o terá motivado a construir um engenho moageiro que não teria paralelo em Portugal. Não se sabe se foi construído, ou não saiu do papel, mais uma vez só a pesquisa arqueológica complementada com a histórica permitirá obter mais certezas.

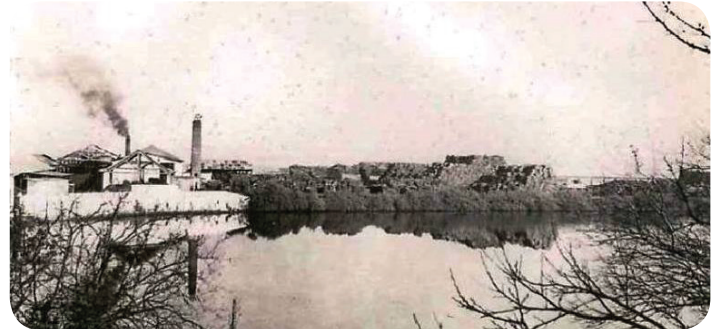
Em 1837 morre o Barão e a Quinta é herdada pelo filho, Anselmo Braamcamp que, volvido pouco tempo a permuta com uma família inglesa, os Wheelhouse. A partir

daqui a Quinta Braamcamp começa a ser conhecida como “Quinta dos Ingleses” mas o moinho, continuamente a produzir farinha para Lisboa, será sempre “do Braamcamp” consolidando o topónimo do sítio. Diga-se de passagem que os Wheelhouse introduziram na Quinta o fabrico de “bolacha” ou pão, actividade que desde 1830 mantinham em Lisboa numa fábrica no antigo Convento de S. Francisco, hoje Museu do Chiado, onde ainda se podem ver parte dos fornos de pão.

Os Wheelhouse vendem a Quinta Braamcamp em 1884, aos seus compatriotas britânicos Reynolds. São estes, industriais de fabricação de cortiça no Alentejo que trazem a cortiça para a Quinta, com uma unidade produtiva para exportação de prancha que já funcionava desde 1882, em regime de arrendamento. No ano seguinte a família Reynolds já realizara obras na Quinta, fazendo dela a sua habitação

Braamcamp, até 1969.

Foi por lá viverem ingleses que, durante a II Guerra Mundial, concretamente em Julho de 1943 no decurso da maior greve que paralisou as fábricas da CUF e deu origem a marchas da fome pelas ruas do Barreiro, que a Quinta dos Ingleses atraiu a atenção da PVDE. A Grã-Bretanha, país integrante da frente antifascista que combatia o nazifascismo na Europa, era objecto de espionagem e os seus cidadãos vigiados pela polícia política. A Quinta dos Ingleses, e os seus moradores, são acusados de apoiar os grevistas distribuindo auxílio em bens alimentares em certos dias, para o que seria arvorada a bandeira inglesa na Quinta. A greve seria sufocada com violência inaudita pelo Comando Militar que, a partir de então, ocupou a Vila do Barreiro. No final da II Guerra, nos dias 8 e 9 de Maio de 1945 é, de novo, para a Quinta dos Ingleses que se dirigem as manifestações de



permanente. Em 1884 a propriedade Reynolds compunha-se de «casas de habitação, armazéns, casa que foi fábrica de bolachas, moinho e motor de água, terras de sementeira e diversas arvores». Com a falência dos Reynolds a quinta é vendida em 1895 a outra firma inglesa, a The Cork Company Ltd e em 1897, a passa à posse da Sociedade Nacional de Cortiças. Contudo, os ingleses continuaram a habitar no seu palácio da Quinta

regozijo pelo fim do conflito mundial, tendo a PVDE efectuado dezenas de prisões.

Em 1973 a Quinta/Fábrica de cortiça é adquirida, em parte, por um antigo funcionário, Edmundo Luís Rodrigues Pereira que, cinco anos depois, a compra na totalidade passando a ter a designação última de Essence. De 1975 até 2008 a fábrica mantém-se em laboração, com altos e baixos, sendo declarada falência financeira em 2008. Em 2010 todo o recheio foi



vendido como sucata e os terrenos passaram para a posse do Banco Comercial Português. No ano seguinte, 2011, dois incêndios com origem criminosos destroem primeiro o moinho setecentista (Fevereiro), depois as instalações fabris, armazéns, o grande palacete oitocentista e outros edifícios anexos (Setembro). A partir de 2011 a Quinta Braamcamp está a saque e é destruído o que restava daquele património edificado e industrial.

Em Novembro de 2015 a Câmara Municipal do Barreiro, em reunião privada de 4 de Novembro, aprova por unanimidade a compra da Quinta retirando-a do mercado imobiliário e afirmando um discurso e uma estratégia de fruição pública generalizada, numa zona privilegiada do concelho. A escritura pública seria assinada em Dezembro de 2016. A 6 de Julho de 2017 a Câmara Municipal aprova a classificação patrimonial de Alburrica, Mexilhoeiro e todo o património moageiro com a Quinta Braamcamp incluída. A classificação do Sítio de Alburrica e do Mexilhoeiro e seu Património Moageiro, Ambiental e Paisagístico é publicada em Diário da República, 2ª Série, nº 139 de 20-07-2017.

Em 2017 as eleições autárquicas mudam o rumo político do concelho e o PS vencedor, que afirmava “uma visão” para a Braamcamp onde o que sobressaía era um parque temático e uma

roda gigante, toma uma atitude distinta do anterior executivo CDU. Em Março de 2018, o actual Presidente da Câmara desloca-se a uma Feira Internacional Imobiliária, onde vai promover o território da Quinta Braamcamp, já com vista à sua venda. Em 2019, o actual executivo com o voto de qualidade do Presidente da Câmara decide-se pela alienação da Quinta. A decisão seria ratificada pela Assembleia Municipal, mas apenas com um voto de diferença. A decisão dividiu a opinião pública e, ainda nesse mês de Março, uma assembleia de cidadãos dá corpo à Plataforma Cívica “Braamcamp é de Todos”, opondo-se à venda da Quinta. Actualmente a Plataforma deu entrada de uma Providência Cautelar que contesta a alienação da Quinta baseada no facto de colocar em causa os direitos do património público e cultural, da qualidade de vida, do urbanismo, do ordenamento do território, do ambiente, bem como o de assegurar a defesa dos bens das autarquias locais. A Providência aguarda decisão do Tribunal.

Rosalina Carmona  
Historiadora, membro da  
Plataforma Cidadã “Braamcamp é de Todos”

Fontes: AN/TT, Notarial de Lisboa, Cx. IV-261; Guia Documental da Casa Reynolds/Sociedade Nacional de Cortiças, CMB, 1014; AHM, Comando Militar do Barreiro; Diálogo entre Memória e Contemporaneidade, repositório FA-UTL, GALRÃO, Inês, tese de Mestrado, 2013

## Testemunhos

**“Meu deus!  
Este vídeo vai ENGANAR tanta gente.**

Até eu estou assustada.  
Claro! Mas não confundida.

A flora típica daquele espaço vai ser toda destruída.

As aves - 72 ESPÉCIES - vão voar para outras paragens, onde as respeitem.

Fica-se com casas para ricos, um jardimzinho infantil, umas coisitas mais, gente a andar de bicicleta, aliás, como fazem actualmente, e muita, muita relva.

Quem sabe, já uma vez o pai da Estrudinhas teve uma vaca na Alburrica.

Com tanta relva, tb se podem lá pôr umas vaquinhas e fazeremos de conta que estamos na Suíça, com muitos lagos, e verde por todos os lados, e cãesinhos a evaquarem.

### Porque defendo uma Braamcamp para todos, sem prédios e renaturalizada?

#### Viajo sempre que posso.

Os lagos, serras, montanhas, vales, pradarias e praias, ainda pouco humanizados são o meu destino de eleição. Hoje mais do que nunca há uma procura exponencial por estes locais nos fins-de-semana ou no nosso tempo de férias. Talvez porque a maioria viva o bulício alucinado da capital. Há um chamamento implícito dentro de nós pelo restabelecimento de um laço primordial com a natureza, que nos abandonou algures no tempo.

Talvez por isso, depois do lufalufa do dia-a-dia, casa/trabalho, trabalho/casa seja um bálsamo regenerador sair de casa e deparar-me com uma parte do Barreiro selvagem e quase intocada. Aquela que ainda me consegue levar aos lugares mágicos das minhas viagens. É a brisa ligeira que apaga os movimentos sufocantes da margem de lá, onde quase todos trabalham.

Alburrica e a Quinta do Braamcamp (adquirida em 2016 pela Câmara) ainda conservam um reduto de natureza pura. Mais do que nunca continuam a fazer as delícias de fotógrafos, crianças curiosas, caminheiros regulares ou ocasionais, corredores, biólogos amadores e

Ora, deixa ver... será uma média de 176 cães naquele espaço.

Vão fazer o seu “xixi” e “cocó” onde?  
Terão de usar fraldas? Pobres animais.

E falava ontem na reunião de câmara, o vereador das obras, muito exaltado, quase a ter uma apoplexia, que “não gostava de truques”.

Pois sr. vereador, o senhor é um mágico.

É UM “EXPERT”, UM “CONNAISSEUR” de TRUQUES.

Até já concebeu a “manta” com “retalhos” a mais, que não fazem parte do espaço da Braamcamp.

Diz o meu pai, em circunstâncias deste tipo:  
- “Quem me dera morrer para me fartar de rir”.

Teresa Damásio

simples observadores, todos eles maravilhados com o esplendor daquele que é hoje o maior maior cartão de visita do Barreiro. Um oásis por reabilitar!

A riqueza daquele pedaço de terra é única. Merece ser mais do que um qualquer lugar-comum cheio de betão. Merece ser muito mais do que um condomínio privado. Merece ser de todos!

Alburrica e Quinta do Braamcamp, irmãs de mãos dadas com vista para os rios Tejo e Coia, ligação embrionária, desde tempos primordiais.

A Quinta do Braamcamp teve um papel meritório na história da nossa cidade. Devemos prestar-lhe homenagem. Aquela pode ser um lugar de afectos, um espaço mágico para todos os barreirenses. É nisso que acredito!

Se apoio este movimento é porque sei que ninguém o quer abandonado. Sei que a Plataforma Cívica tem o poder necessário para requalificar o espaço em prol de todos, mantendo a sua Biodiversidade e sempre com a orientação de uma conduta sustentável e dinâmica. Basta que o executivo tenha a ousadia e a coragem de ouvir os seus cidadãos. Com sensibilidade e humildade.

Helena S. – Abrantina no Cartão de Cidadão, Barreirense de coração.

# ESTAMOS DO LADO CERTO, DO LADO DA DEFESA DO BARREIRO COM FUTURO



A Plataforma Cidadã Braamcamp, segura das suas razões sobre a salvaguarda da Quinta do Braamcamp e por isso contra a sua venda, bem como contra a construção de 185 habitações e de um estádio de futebol de 11 neste espaço, classificado como Sítio de Interesse Municipal para salvaguarda paisagística, ambiental e moageira e comprado pela CMB, em 2016, apresentou, como se sabe, uma Providência Cautelar.

Esta Providência Cautelar, liminarmente admitida pelo Tribunal Administrativo de Almada em 31 de Março assenta nos seguintes factos:

a) a nulidade das deliberações tomadas pelo Executivo e Assembleia Municipal e por isso mesmo sem efeito;

b) a posição negacionista que ignora todos os estudos mais actuais sobre ambiente, desde a importância das zonas húmidas na preservação de biodiversidade e na redução dos efeitos negativos do dióxido de carbono, zonas que, de acordo com as resoluções da reunião de Paris da ONU, deveriam ser preservadas nas suas características naturais para bem do Planeta;

c) a posição negacionista que ignora os estudos mais actuais sobre preservação do património cultural e todas as recomendações da UNESCO, sobre a importância deste activo para o desenvolvimento sustentado dependente da existência de sociedades mais coesas, mais participativas e criativas;

d) a posição negacionista que ignora os últimos estudos sobre a subida das águas e do aquecimento global que coloca aquele espaço como muito vulnerável, referido nomeadamente no Plano de Adaptação às Alterações Climáticas da Área Metropolitana de Lisboa, assinado pelo Sr. Presidente da CMB, onde se expressa que este território ficará submerso, o que recomenda a criação e preservação de espaços verdes urbanos que reduzam estes efeitos negativos;

e) a posição negacionista sobre o novo conceito de cidade tendo em conta a sustentabilidade do desenvolvimento que tem de responder a questões de bem estar e saúde públicas, de recreação, de respeito ambiental e patrimonial, de criação de empregos não precários, de desenvolvimento económico reprodutivo e respeitador dos direitos e propi-

ciador de uma vida com qualidade e liberdade.

**É completamente incompreensível que se defenda para a Braamcamp, em 2020, o que se defendia no início dos anos de 1990, ou seja mais e mais betão!**

## A MENTIRA TEM PERNA CURTA

O Presidente da Câmara apresentou de seguida à Providência Cautelar uma Resolução Fundamentada para poder desencadear acções no processo de venda da Quinta Braamcamp, nomeadamente a abertura de propostas dos concorrentes, o que não anula a Providência Cautelar, mas permite alguns actos administrativos, como a abertura de propostas candidatas à compra daquele território.

Resolução que assenta em pressupostos não verdadeiros. Justifica a venda com a situação actual do COVID 19, como se a razão para a venda da Quinta Braamcamp tivesse aí a sua base (lembramos que a ideia da venda e construção de prédios vem de Fevereiro de 2019 e não está previsto para 2020 o encaixe, em orçamento desta verba).

Mas, mais grave ainda, o crime de plágio que consistiu na cópia não citada de um estudo do Brasil de Flavio Faria de Araújo: “Empresariamento Urbano: concepção, estratégias e críticas”.

<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area7/area7-artigo7.pdf>

Porém, teria sido conveniente que fosse lido o que o mesmo estudo refere na pag. 13. Transcrevemos:

*“Infelizmente, o que é verificado na realidade (a partir dos modelos analisados e citados – empresariamento urbano nas cidades de Barcelona – ES e Rio de Janeiro – BR) são ações que apropriam espaços que antes não eram economicamente rentáveis e transformam através de obras, marketing, construções de ideários sociais, apropriação das características geográficas e históricas para um desenvolvimento financeiro de parcelas mais privilegiadas e que tem por comandantes pessoas que pertencem a padrões sócio-económicos elevados.*

*Os governos municipais que se apropriaram deste modelo*

*administrativo além de privilegiarem parte de seus espaços territoriais em detrimento de outros, elevaram ainda mais os ganhos de classes abastadas, contribuíram para que empresas privadas acabassem por ganhar ainda mais financeiramente e tudo isso, sem pensar na maior parte da sociedade civil e na resolução de suas necessidades.”*

Não diríamos melhor.

Mas apesar deste acto de plágio ser crime, a sua negação foi realizada com o maior à vontade. Na Assembleia Municipal de dia 7 passado, o Vereador Rui Braga afirmou que o que fizeram não é crime, pelo que queremos lembrar:

Tendo como referência uma publicação da DECO destaque: <https://www.deco.proteste.pt/familia-consumo/orcamento-familiar/noticias/plagio-pena-pode-ir-ate-3-anos-de-prisao>

*“No âmbito do CDADC **CÓDIGO DO DIREITO DE AUTOR E DOS DIREITOS CONEXOS**, o plágio pode ser tratado de diferentes formas:*

•**Crime de contrafação:** *é autor do crime de contrafação quem, por exemplo, adaptar em cena um romance omitindo a autoria do mesmo. Segundo a lei, é um crime cometido por "quem utilizar, como sendo criação ou prestação sua, obra, prestação de artista, fonograma, videograma ou emissão de radiodifusão que seja mera reprodução total ou parcial de obra ou prestação alheia, divulgada ou não divulgada, ou por tal modo semelhante que não tenha individualidade própria."*

•**Crime de usurpação:** *é autor do crime de usurpação quem compilar obras sem autorização do autor. Segundo a lei, quem "sem autorização do autor ou do artista, do produtor de fonograma e videograma ou do organismo de radiodifusão, utilizar uma obra ou prestação por qualquer das formas previstas neste Código".*

•*A publicação ou divulgação de uma obra ainda não divulgada, não publicada ou não destinada a publicação também é tratada como crime de usurpação, mesmo que o autor seja identificado, que não haja intuítos comerciais (por exemplo, ganhar dinheiro com a obra) ou que, no caso de existir autorização, os limites desta sejam excedidos.*

#### **Pena a aplicar**

*Quem comete o crime de contrafação ou usurpação incorre numa pena de prisão até 3 anos e multa de 150 a 250 dias, de acordo com a gravidade da situação. Para os que já tenham sido condenados pela prática do mesmo crime, as referidas penas são agravadas para o dobro e não há possibilidade de suspensão da pena.”*

Esta Plataforma continuará a persistir numa razão maior - **Proteger o Património Cultural da Quinta do Braamcamp**

**e torná-la, integralmente, num bem de fruição pública.**

## **O PROCESSO AINDA VAI NO ADRO**

Mas já percebemos que existem muitas irregularidades e actos erráticos, dos quais enumeramos alguns:

•a ineficácia da deliberação que dá origem ao processo de venda (11/11/2019), por falta de aprovação da acta, única forma de conferir eficácia ao acto de venda;

•a posição errática de justificar o adiamento da abertura das propostas de dia 1 para dia 17 de Abril com a pandemia, quando no dia 17 continuávamos confinados e com os mesmos problemas que tinham determinado o adiamento, a única alteração tinha sido a aceitação liminar da nossa Providência Cautelar;

•a necessidade de uma Resolução Fundamentada que o Presidente decidiu, porém, não quis levar a Sessão de Câmara, nem falar com os restantes vereadores sobre tal assunto em Sessão de Câmara, quando já a tinha fundamentado economicamente, antes dessa sessão e apesar de ter sido interrogado sobre o assunto por um dos vereadores da CDU, só o fazendo posteriormente a queixa que apresentámos em Tribunal;

•a descrição que faz da Quinta, como um lugar perigoso, em ruínas e cheio de lixo como justificação para a sua venda, quando a Braamcamp pertence à CMB, desde 2016, e o actual Presidente recusou a utilização de projecto elaborado e quase 1 milhão de euros de Fundos Comunitários autorizados, submetidos pelo executivo anterior, suficiente para fazer também recuperação de espaços que possibilitassem um melhor usufruto da Quinta.

Lembremos que a limpeza daquele espaço é da competência e atribuição da CMB;

•a certeza da necessidade de venda, em 2019, quando 4 anos antes a compra foi efectuada por unanimidade e tinha como pressupostos retirar a Quinta do mercado imobiliário e restituí-la aos barreirenses para seu usufruto total;

•o envio para o Tribunal Administrativo de Almada de uma acta diferente da que tinha sido aprovada em Sessão de Câmara, como documento comprovativo.

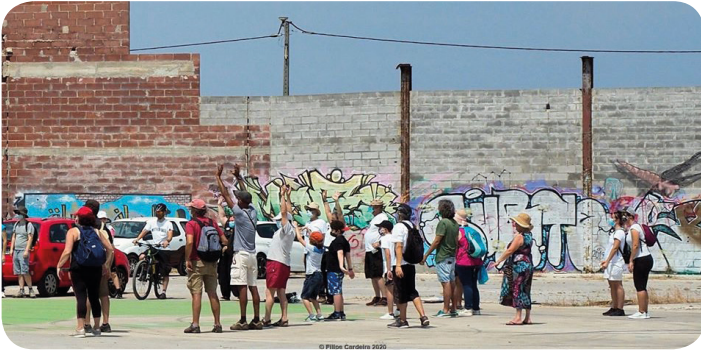
Esta Plataforma continuará a persistir numa razão maior – **Proteger o Património Cultural da Quinta do Braamcamp e torná-la, integralmente, num bem de fruição pública, ao serviço de um desenvolvimento de carácter humanista e ambiental. O processo continua e pode ser longo, mas todos nós sabemos que somos corredores de fundo!**

Junho 2020



## **A Plataforma Cidadã Braamcamp é de Todos**

## Mais um dia B para limpar e proteger a Quinta!



No dia 31 de Maio houve mais um dia B na Quinta do Braamcamp, por iniciativa da Plataforma Braamcamp é de Todos, à semelhança do que aconteceu no ano passado a 1 de Junho. É apenas mais uma prova de que a nossa luta pela defesa e preservação da Quinta não abrandou, mais de um ano após nos termos constituído em Plataforma.

Neste dia B, que iniciou por volta das 8h30, estiveram cerca de 60 pessoas. A grande maioria exibindo máscaras e praticando o distanciamento social, conforme mandam as regras nestes invulgares tempos de pandemia...

Ao longo dos caminhos que vão da zona das garças – que neste dia estava pejada delas - até à antiga Casa Senhorial fomos limpando e recolhendo os lixos, incluindo (para nossa indignação) muitos plásticos. Procedemos também ao descasque do caule de algumas acácias, como forma de impedir a sua proliferação, visto que elas são uma espécie invasora e prejudicial, como é público e conhecido.

A este respeito cabe aqui perguntar: se se mantém na Mata da Machada, e bem, uma atividade contínua de combate às espécies invasoras, nomeadamente acácias, por que motivo esta prática é pura e simplesmente ignorada na Quinta do Braamcamp? Independentemente do futuro da Quinta ela é hoje património municipal, e é portanto responsabilidade da Câmara limpá-la, combater as

espécies invasoras, proteger as nativas, etc..

Será que o nosso vereador do Ambiente, que aliás tem feito um excelente trabalho na Mata da Machada, não tem uma palavra a dizer sobre isto?...

Enfim - enquanto o executivo camarário desleixa a Quinta, na mira de o entregar à cobiça de privados, há quem a preze e tente defender, não apenas com protestos públicos e intervenção cidadã mas também com trabalho muito concreto no terreno.

Neste dia B, e por ser véspera do Dia da Criança, para além das acções de limpeza também nos lembrámos das crianças que nos acompanhavam. Por isso houve quem lhes contasse histórias infantis, sentados no chão em frente à Casa Senhorial.

Para terminar em beleza convivemos à volta do já tradicional Café no Tacho e dos vários acepipes trazidos pelos braamcampers.

Mas convém não esquecer uma das componentes importantes deste Dia B: a recolha de quilos de géneros para serem entregues à Cooperativa Mula, para que esta continue a fazer o trabalho solidário de entrega de cabazes às famílias mais afectadas pelas consequências da pandemia no nosso concelho. À falta de apoio autárquico, quer a Mula quer a Braamcamp só podem contar com a solidariedade, a luta e o apoio mútuo dos barreirenses comuns.



## DIA DA CIDADE NA BRAAMCAMP

A Plataforma vai promover uma celebração do DIA DA CIDADE, 28 de Junho, na Quinta Braamcamp. Venha levantar papagaios e construir moinhos de vento. Partilhar (trocar) livros. Venha plantar árvores. O programa será divulgado brevemente. Venha celebrar a CIDADE.

## Um campo de futebol que seria um pavilhão gimnodesportivo e afinal é mesmo e só um campo de futebol



Vejamos o desenho do estádio de futebol, que não representa o que vai lá vai ser construído – faltam as bancadas, sempre referidas e muito discutidas em sessões do Executivo.

Com as bancadas, a massa construtiva será muito maior do que a imagem representa.

Veja-se ainda que o estádio e as construções situadas junto estão previstas para onde está agora a colónia de garças. Como é que se respeita o meio ambiente?

E ainda:

Na zona junto ao Bico do Mexilhoeiro, a imagem que nos mostram é de um lago onde se poderia velejar. Mesmo com dragagens, nunca a profundidade e a dimensão o permitiria (teriam que abolir o Bico do Mexilhoeiro).



Construir cenários que não são verdadeiros é muito simples. Mas estamos apenas no reino da fantasia.

Nota: todas as imagens são provenientes de publicação no facebook do Município.

Fale conosco ou visite:

Email: [braamcampdetodos@gmail.com](mailto:braamcampdetodos@gmail.com) <https://www.facebook.com/Braamcamp-é-de->

[Todos-2232477833484714/](https://www.facebook.com/groups/436195870456287/) ou <https://www.facebook.com/groups/436195870456287/>